

Es/crer/ver a nação: espacialidade forjada na narrativa barrosiana

Elyinaldo Gonçalves Dantas¹

Recebido em julho de 2013;
Aprovado em agosto de 2013.

RESUMO

Neste texto procuraremos fazer uma reflexão sobre a organização do espaço nacional no pensamento integralista de Gustavo Barroso a partir do aporte teórico metodológico da desconstrução derridiana. Utilizaremos para isso o capítulo VI da obra *Brasil, Colônia de Banqueiros*, no qual Barroso se utiliza do papel crucial do tropo da animalização, para sua construção espacial e identitária da nação. E estaremos também preocupados com a dimensão visual do documento analisado, que carregado de uma potência visual, rabisca um quadro do que seria a nação, forjado pelo poder das letras, narrativa que desenha uma topografia afetiva dos espaços.

Palavras-chave: Barroso; nação; Tropo linguístico.

ABSTRACT

In this paper we will try to reflect on the organization of national space in fundamentalist thought Gustavo Barroso from the theoretical methodology of deconstruction Derrida. We will use the Chapter VI of the work *Brazil, Bankers Colony*, in which Barroso using the crucial role of the trope of animalization for its construction and spatial identity of the nation. And we will be concerned with the visual dimension of the parsed document, which loaded a visual power scrawls a picture of what would be the nation forged by the power of the lyrics, narrative that draws a topography affective spaces.

Keywords: Barroso; nation; Tropo language.

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

INTRODUÇÃO

Gustavo Dodt Barroso² atuou em várias áreas desde advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, romancista brasileiro, redator do *Jornal do Ceará* (1908-1909) e do *Jornal do Comercio* (1911-1913); professor da Escola de Menores, da Polícia do Distrito Federal (1910-1912); secretário da Superintendência da Defesa da Borracha, no Rio de Janeiro (1913); secretário do Interior e da Justiça do Ceará (1914); diretor da revista *Fon-Fon* (a partir de 1916); deputado federal pelo Ceará (1915 a 1918); secretário da Delegação Brasileira à Conferência da Paz de Venezuela (1918-1919); inspetor escolar do Distrito Federal (1919 a 1922); diretor do Museu Histórico Nacional (a partir de 1922); secretário geral da Junta de Juriconsultos Americanos (1927); representante brasileiro em várias missões diplomáticas, entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal (1940-1941); exercendo alternadamente os cargos de tesoureiro, de segundo e primeiro secretário e secretário-geral, de 1923 a 1959; na Academia Brasileira de Letras, onde foi presidente em 1932, 1933, 1949 e 1950. Essa visada geral da atuação de Gustavo Barroso pelos setores da esfera política e cultural brasileira da primeira metade do século XX, tem como sentido fazer notar a abrangência do seu campo de atuação e sua devida importância.

Mas foi sua participação como um dos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira, um dos seus mais destacados ideólogos, e chefe das milícias dos camisas-verdes, que iremos nos concentrar nesse texto, partindo do capítulo VI da obra, *Brasil, Colônia de Banqueiros*, intitulado, *O Condor Prisioneiro* (BARROSO, 1936). Visando responder à qual espacialidade Barroso objetivava construir e quais os mecanismo utilizados nessa operação. Apoiar-nos-emos nos subsídios teóricos levantados por Stam e Shoat (STAM; SHOHAT, 2004) no que tange ao papel fundamental do recurso tropológico, empregado nas narrativas, fazendo-as funcionar. E no trabalho teórico metodológico de Ulpiano T. Bezerra de Menezes (MENESES, 2003), preocupado com o estudo das dimensões visuais das fontes, ou seja, com a possibilidade de, sem necessariamente partir de documentos visuais, examinar o que há de visualidade nos documentos analisados.

Gustavo Barroso se insere no debate intelectual dos anos 30 que revela a busca por parte de uma elite letrada em ordenar o espaço da nação, não só no do plano das ideias, mas também no plano político, onde o se pensar a nação seria definir também seu próprio papel no

²Nascido em Fortaleza, 29 de dezembro de 1888 — Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1959.

cenário da política nacional. Inserido também nas tensões e dinâmicas que se constituíam dentro da própria Ação Integralista Brasileira, AIB, no qual disputava no campo da escrita, a liderança com o então Chefe Nacional da AIB, Plínio Salgado.

O pensar a história da Nação brasileira ocupou lugar privilegiado no pensamento de Gustavo Barroso, que buscou uma reinterpretação do passado nacional, promovendo o resgate do que seriam as características “verdadeiramente brasileiras”, no intuito de legitimar seu projeto ultranacionalista, centralizador e antissemita, apontando a perda dos valores nacionais e a absorção das ideologias estrangeiras, como justificativas para a “crise brasileira”. Espaço povoado por desejos, sonhos, realidades que são tecidas no calor do debate de sua época. Problematizar o que Barroso entende por espaço e identidade nacional é procurar desnaturalizar esses dois conceitos, atrelados entre si, que comportam processos simbólicos coletivos (BORDIEU, 1989), determinados por relações de poder que sustentam um sentimento de pertencimento e lealdade entre os membros de uma nação, através do qual se evidenciam categorias que ligam o Estado a seus membros, e estes entre si, nação e identidade lidos como construções ou representações da realidade, como fenômenos seletivos no qual a afirmação de uma identidade nacional vincula-se a uma ideia de preservação e pertencimento.

1934 o ano de publicação de ‘Brasil Colônia de Banqueiros’, é revelador das dinâmicas e tensões dentro da própria AIB, pois nesse ano Barroso é designado chefe das milícias integralistas no Primeiro Congresso do movimento, posição a partir da qual caberia a ele educar militar, pedagógica e moralmente as fileiras integralistas. Nessa posição Barroso dava um salto de ideólogo para uma forte liderança política-militar e com uma íntima relação com as bases da militância, passando a disputar com Plínio Salgado a liderança da AIB num movimento reflexo de radicalização da sua narrativa antissemita. Na referida obra, Barroso elabora uma explicação para a suposta crise da realidade brasileira, que seria, em sua perspectiva, o fato dos bancos estrangeiros, controlados pelos judeus, estarem levando o país à falência, não só econômica como moralmente. A ponte entre judaísmo e comunismo é construída pelo argumento de que o comunismo seria a etapa final da conspiração judaica, o auge de suas aspirações, cuja primeira etapa seria a implantação do capitalismo representado pelos bancos judaicos, que teriam a intenção de solapar e destruir a sociedade tradicional, de valores cristãos e espirituais, pois à medida que o capitalismo intensificava a exploração sobre as massas trabalhadoras, atizaria o ódio entre as classes, preparando o advento da sociedade comunista.

Nesse sentido, o livro abre com a seguinte epígrafe: “Trotsky e Rotschild marcam a amplitude das oscilações do espírito judaico; estes dois extremos abrangem toda a sociedade,

toda a civilização do século XX” (BARROSO, 1936, p.4). Trotski, intelectual marxista e revolucionário bolchevique de origem judia. Barroso se refere à família Rothschild, de origem judia conhecida por suas atividades bancárias e financeiras. Barroso identifica nesses dois elementos a síntese da ação judaica, seriam ambos os símbolos máximos do mal, que necessitavam ser denunciados e combatidos pelo bem da nação que passa a ter suas raízes buscadas na história, com uma visão teleológica, tendo uma origem e uma evolução que passa a ser racionalizada por Barroso a fim de entender o passado para se explicar o presente, e assim apontar uma saída para o futuro, no qual ele seria o farol capaz de guiar o povo brasileiro rumo à salvação moral e espiritual.

Optamos por fazer essa breve tomada da apresentação de Gustavo Barroso e da obra referida para análise, visando inserir o leitor, em alguns caminhos trilhados por Gustavo Barroso, pois achamos pertinente localizar, mesmo que grosso modo, quem foi ele, o campo de forças no qual participava ativamente e o propósito geral da narrativa submetida à análise. De modo a concatenar o estudo sobre certa espacialidade, projetada pela narrativa barrosiana, com uma abordagem do político que, sob a luz do pensamento de René Rémond (RÉMOND, 1996, p. 242-245), entendemos não possuir fronteiras fixas, pois a narrativa barrosiana de caráter doutrinário e propagandístico visava se comunicar com todos os setores da atividade humana. Sendo a significação barrosiana do espaço nacional, expressa no campo discursivo, fruto de um dado momento histórico, comprometido com determinadas relações de poder que vai dando forma ao texto, mesmo estando aparentemente “fora” dele (DERRIDA, 2011), fazendo da leitura do que seria a nação sua própria *representação*³.

A NAÇÃO DADA A VER NA NARRATIVA BARROSIANA: O CONDOR PRISIONEIRO

Neste capítulo de ‘Brasil Colônia de Banqueiros’ Gustavo Barroso versa sobre um sonho que o “impressionou para toda vida” e acontecera em 1907 no município cearense de Quixeramobim quando se encontrava acometido de uma doença que quase lhe ceifara a vida e contava com dezoito anos de idade. No sonho, Barroso se vê doente e à beira da morte “Eu estava debruçado na meia-porta, olhando o terreiro enluarado da casa do mulato Antonio (...) De olhos baixos, eu pensava na morte, tão cedo, foice cruel que me cortaria todas as

³ Utilizamos o conceito de representação no sentido empregado por Schopenhauer, que afirma que o mundo só existe como representação de um sujeito que percebe. Ver: SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2001.

esperanças dum coração ao amanhecer...” quando um mandamento imperioso o fez erguer a cabeça e ver um grande animal desconhecido que se encontrava estendido no terreiro da casa, parecendo um cadáver, cercado de urubus, e ouviu uma voz oculta lhe dizer em tom de comando: “Aquilo ali é teu Brasil! Em vez de pensares na morte, cobra ânimo, vive, toma dum pau e afugenta aqueles bichos” (BARROSO, 1936, p.145).

No seu discurso, antissemita, centralizador e autoritário, as metáforas, os tropos, exercem um papel fundamental, não sendo apenas um ornamento linguístico, mas sim a “alma do discurso”, mecanismo que sai do seu sentido literal para formar um substrato metafórico que desempenha papel real no mundo (STAM; SHOHAT, 2004, p.200) provocando efeitos de visualidade, produzindo e sustentando formas de sociabilidade. Muito mais do que nos contar sobre seu sonho, o autor, trata de construir uma determinada imagem da nação e de sua identidade. Mas, qual imagem Barroso queria construir? E quais os mecanismo utilizados nessa operação?

A chegada do mundo moderno e industrial parece alterar as percepções espaço-temporais de Gustavo Barroso, seu texto fala da ruína de um tempo e de um espaço, marcada pelo entendimento da existência de uma relação harmoniosa entre o homem e a natureza. Fruto da invasão de seus espaços por forças estranhas, causando a sensação que tudo a sua volta estava se perdendo, que o mundo escapava de seus próprios pés. Espaço atravessado cada vez mais pelo anonimato do capital, que não tem religião, que destrói todos os símbolos de um passado de glórias e de poder, inimigo que nunca se apresenta diretamente, mas que age por trás do dinheiro, inimigo que não apresenta um rosto só, mas que se camufla com várias máscaras, que segundo seu texto, talvez pela sua pouca idade ainda não fosse capaz de descobrir que rostos estavam por trás dessas máscaras.

Seu sonho o perseguiu por toda a vida, como o autor afirma, mas em sua vida Barroso também perseguiu esse sonho, encontrando na AIB o local ideal para a operacionalização dos seus desejos, dado que a organização integralista trazia em seu âmago características semelhantes aos dos partidos nazista e fascista, que ganhavam força na Europa, porém apresentando suas características peculiares, inerentes a conjuntura brasileira, mas com a mesma matriz ideológica dos partidos nazifascistas, grosso modo: partido único de massa, forte estrutura hierárquica, exacerbação dos valores nacionais, forte oposição aos princípios do liberalismo, do comunismo e do socialismo, busca pelo domínio dos meios de comunicação, eliminação do pluralismo político, aniquilamento das oposições embasado na violência e no terror.

Nos anos 30, Barroso acredita já ter entrado na sua maturidade, não só física, mas intelectual. Suas lembranças do passado o saltavam os olhos através de suas experiências do presente, a esse momento ele já elegera os rostos por trás das máscaras do anonimato do capital, que destruía seu mundo - os banqueiros judeus.

Pois bem, ao remexer os arquivos e ao ler os maçudos relatórios para tirar a documentação deste livro, a cada passo o sonho se refazia na minha memória. O nosso Brasil é a carniça monstruosa ao luar. Os banqueiros judeus, a urubuzada que a devora. E Deus me deu vida para que tivesse a coragem de rasgar o véu que encobre os verdadeiros exploradores do povo brasileiro, de mãos dadas aos políticos e estadistas incapazes ou corruptos. (BARROSO, 1936, p.145-146).

Aqui se faz importante destacar que Barroso não só se sentia preparado para conduzir a AIB, ele também afirmava ser o “escolhido de Deus” para conduzir esse projeto, tal como ouvira no seu sonho, e dessa forma conduzir a construção do Estado Integral⁴. Percebemos assim uma estreita relação entre o autor, vida e seu texto, no qual Barroso lança argumento que justificam a necessidade de sua liderança no movimento integralista. Façamos menção aqui à disputa política entre Salgado e Barroso, pela liderança da AIB, movimento que para garantir sua força deveria se mostrar coeso. Desta forma Barroso busca escamotear essa disputa política em seu discurso. Mas o sujeito não apaga sua intenção na escrita, sempre permanecendo *rastros*, que ligam o interior e o exterior do escrito, percebemos assim as *diferências* que percorrem seu discurso, ou seja, como a significação se forma também nos não-ditos, que como nos lembra Derrida (2011, p.27-28), *não é nada*, mas sim algo, e esse algo é criativo.

Um tropo essencial para a construção de seu discurso antisemita, como podemos observar, foi o da animalização, recorrendo ao bestiário, para representar os judeus como urubus - animais que se alimentam principalmente de carne de animais mortos. O Brasil, dentro desse discurso tropológico seria um enorme animal, que ainda não morreu, mas que definha vitimado por parasitas e vermes⁵, por muito tempo, imperceptíveis ao olhar humano, que corroem seu corpo há tempos, e que apareciam agora em sua plenitude como uma nuvem

⁴ O Estado integral corresponde a uma concepção de organização social e política da sociedade através do Estado integral-corporativo, repousando numa concepção do homem e da sociedade inspirada num humanismo espiritualista e numa visão harmônica da organização da vida em sociedade. Essa concepção ganhou variantes, como a concepção de Estado-sindical-corporativo inspirada em Miguel Reale. Gustavo Barroso não chegou a se destacar como um teórico do Estado integral, embora tenha colaborado com suas próprias prerrogativas de como se chegar a ele.

⁵ Lembremos aqui a proximidade do discurso tropológico barrosiano com o discurso tropológico nazista, que representava os judeus como vermes em suas propagandas.

negra de urubus sobrevoando alto, em círculos, identificando o Brasil como próximo alimento.

Seu recurso ao mecanismo topográfico escreve o corpo da nação e escreve nele sua própria história, elegendo a figura do comunista-capitalista-judeu, como bode expiatório responsável pela destruição da nação, o tropo da animalização, atua no sentido de sedimentar sua compreensão de realidade, solidificando sentidos, que forjam, para o leitor, uma dada visualidade a partir da escrita.

A partir da evocação de seus processos de montagem evidenciamos a construção de uma moldura, um *frame*. Seu texto carregado de uma potência visual rabisca um quadro, forjado pelo poder das letras, narrativa que desenha uma topografia afetiva dos espaços do passado, produzindo a ideia de corte entre esta espacialidade romantizada do passado, com o espaço estranho do capital estrangeiro, controlado pela mão judaica, que não respeita barreiras materiais e imateriais, derrubando-as. Espaços sob os quais não se tem mais domínio, que limitam seu próprio mundo, que quando jovem, sonhara que o teria em suas mãos, mas amanhece na aurora de sua jovialidade acordado, mortal.

Bons ou maus, os anos passaram e eu fui vivendo, dentro do liberalismo enganador, na ignorância do problema capitalista e de sua influência direta sobre nossos destinos. Um dia, em plena maturidade de corpo e de espírito, enfronhado já na grave questão, entrei uma tarde no jardim zoológico. Próxima a porta, havia uma jaula e dentro dela um condor prisioneiro. (...) E, compreendendo toda a angústia da grande ave cativa, sofri um momento a mesma dor que ela. De repente, numa nesga de azul que se avistava por entre as franças duma árvore esgalhada, ao pé da jaula, dei com uma revoada de urubus, muito alto. Como que um instinto secreto advertiu o condor. (...) E viu o giro das urubus no espaço solheiro. E viu a imagem da Liberdade! Acompanhou-os nas evoluções circulares e, quando desapareceram das nesga de céu que a folhagem permitia avistar, baixou de novo a cabeça empurpurada na sua atitude de alheamento e de dor recôndita, diariamente reconcentrada. Antes, porém, um olhar de soslaio para mim com um leve estirar da asa, como a me dizer: "Homem, és coautor da monstruosa injustiça que me tolhe o gozo da liberdade e da vida! Eu, que sou a glória das asas nas alturas dos Andes e me perfilo heráldico nos braços das Repúblicas do Continente, aqui manietado, inutilizado e só, enquanto que as negras aves covardes, vis e nojentas, que se alimentam da podridão, essas tem o domínio do espaço e revolteiam no céu azul sob tépido banho da luz solar (...)". Eu saí naquela tarde, cabisbaixo e concentrado como o condor, do jardim em que ele jazia preso. O meu pensamento inquieto e dolorido batia asas continuamente como um inseto prisioneiro no vidro duma janela, até que apreendeu a imagem que tivera diante dos olhos. O condor poderoso, mas aprisionado, era o BRASIL, e os urubus livres e gozadores, os políticos que o venderam e os banqueiros que o compraram. (BARROSO, 1936, p.146-148).

O momento de escrita de seu livro corresponde a uma abstração pessoal que forja uma imagem da nação pelas letras, a partir de uma experiência emocional e espiritual. Barroso já era um dos mais destacados ideólogos do integralismo, maior representante da corrente antisemita, chefe das milícias integralistas, posição na qual caberia a ele educar militarmente, pedagogicamente e moralmente suas fileiras. Nessa posição Barroso agora dava um salto de ideólogo para uma forte liderança política-militar e com uma íntima relação com as bases de sua militância. Era chegada a hora de assim como lhe foi ordenado em sonhos “toma dum pau e afugenta aqueles bichos” (BARROSO, 1936, p.145). Sua arma seria um lápis na mão, mas no momento oportuno se fosse preciso outras armas seriam usadas e suas milícias já estavam sendo treinadas para isso.

Na busca pela constituição da nacionalidade brasileira Barroso busca, a partir de suas experiências, um passado repleto de imagens que representariam a verdadeira essência do brasileiro. O Brasil e seu povo eram como o condor que outrora, voava livre soberano, imponente, mas agora estava preso na gaiola do capital judaico, não mais dono de si, que precisava se libertar a partir da luta contra seu aprisionador. A construção barrosiana da identidade nacional é assim relacional, pois em sua narrativa Barroso constrói o *Outro* para se auto definir e definir a nação brasileira, sendo esta seu reflexo. Num jogo de espelhos que sua narrativa tropológica constrói, o condor preso, imóvel, feito para alçar voos grandiosos, representa a nação brasileira, nação esta que é sua auto imagem projetada na escrita, onde Barroso escreve suas obsessões recorrentes, um mundo de sentimentos que envolve o *frame* e lhe confere significados visando atender as suas determinadas demandas.

Sua narrativa também forma a um rosto nacional, identidade brasileira que era entendida em sua percepção como uma síntese da fusão das três raças, a saber: o negro, o índio e o branco, em que o elemento civilizador branco cristão-católico merecia destaque. Lembremos aqui o curioso paradoxo do problema da posição dos integralistas na busca pela especificidade do seu movimento frente aos seus congêneres europeus, dado que embora Barroso procure salientar também essa busca pela diferenciação que residiria na maior dose de espiritualidade dos camisa-verde (TRINDADE, 1974, p.263), fica claro em sua organização narrativa a familiaridade com a ideologia praticada pelo partido nazista, que punha no lado oposto, inimigos da moral, os judeus, “negras aves covardes, vis e nojentas, que se alimentam da podridão” (BARROSO, 1936, p. 148).

O jogo com as cores utilizado em sua escrita também compõe sua gramática e sintaxe espacial. Os espaços azuis que o condor fitava nos remete à calma, à liberdade, às cordilheiras repletas da luz do sol, visão voyeurística, pois preso em sua gaiola não se podia fazer mais

nada que observar o voo livre daquelas aves negras. A cor do uniforme integralista era o verde, representando a esperança, esperança de ver seus anseios realizados, uniforme que Gustavo Barroso fazia questão de usar cotidianamente, inclusive nas suas atividades na Academia Brasileira de Letras. Notamos aí um binarismo entre o claro e a escuridão, marcante na filosofia cristã, tema muito caro ao integralismo como um todo, onde as forças do mal, as trevas, aparecem ameaçando a ordem, o celeste. Como figuras da escuridão os judeus devem ser controlados por meio da descoberta/denúncia sistemática do obscuro, no qual ele, ao assistir passivamente a tudo isso se tornaria cúmplice, devendo ele como sujeito privilegiado, “soldado de Deus”, como os integralistas se entendiam, tomar uma atitude para libertar a ave que seria a “glória das asas nas alturas” (BARROSO, 1936, p. 148), sendo ele o próprio verde da esperança, que tanto ostentava em seu uniforme, não mero soldado, mas chefe da milícia divina, afugentar a nuvem negra de urubus que ameaçavam a nação, que definhava pela perda de seus valores a partir da absorção das ideologias estrangeiras.

Para estabelecer seu mando Barroso precisa limitar seu próprio mundo, operando uma construção de sentidos na forma da escrita, a partir de uma profusão de metáforas que são utilizadas para dar sentido aos seus argumentos, imagem nascida do medo, diante de um mundo cujas fronteiras materiais e espirituais parecem se esgarçar. Paisagem do medo construída numa tentativa de manter controladas as forças hostis, imagem de um mundo inseguro do qual ameaçavam desaparecer todas as harmonias, onde o *Outro*, os judeus, e sua metaforização na forma de um tropo linguístico de animalização, são necessários para melhor explicar seus próprios infortúnios individuais.

Brasil, Brasil, meu querido Brasil, não te concentres mais, como o condor prisioneiro na tua grande dor! A tua concentração e o teu desprezo eles chamam de preguiça, de inércia, de jecatatuísmo. Estás sendo caluniado. Vamos, acorda do marasmo do teu desespero, distende suas asas possantes e soberbas, amola o bico anavahante, desembainha as lâminas das garras formidáveis! Eia! Prepara-te o combate aos urubus traiçoeiros e nefandos! (BARROSO, 1936, p. 149).

Gustavo Barroso constrói narrativamente uma imagem da nação que perdia seus valores, que definhava ameaçada pelas forças do mal. Imagem construída a partir do movimento, da diferença com o *Outro* que deveria ser combatido, pressupondo a produção de uma identidade como movimento que no confronto constante, entre o *Eu* e o *Outro*, forja uma espacialidade e sua respectiva identidade, a partir de mecanismos que desviam o real, compondo outro real possível, como marca de suas persistentes e inelutáveis obsessões. Sua

ideia de nação e identidade seria assim sua *representação*, sua forma de olhar o mundo num sentido mais amplo, no qual ele sujeito conhecedor opera, nomeia e significa o mundo de modo a produzir certa forma de ser e estar no mundo. O condor seria sua própria imagem metaforizada, que ao esgarçar os véus do onírico, com suas garras e bico amolado, desmascararia o inimigo, dissiparia a nuvem negra de urubus que tanto o ameaçava, rompendo a gaiola da mente, para assim liberto, voltar a voar soberano em seu próprio mundo.

A “verdadeira” imagem do que seria o Brasil aparece para Barroso como que rabiscada, profanada, adulterada, pela mão de um *Outro*. A missão que o pensador integralista assume é então a de restaurar essa imagem pelo poder da escrita. Com o lápis na mão, o quadro barrosiano do que seria a nação começa a ser “pintado” a partir da recorrência aos seus arquivos do passado, são as cores nebulosas de sua memória que vão dando os primeiros contornos da imagem. A restauração do que seria essa imagem real do Brasil passa a ser feita a partir da reconstrução de suas experiências pela sua percepção do presente. Suas “pinceladas” oferece-nos um outro mundo, um mundo que mais se parece um autorretrato. Seu processo de restauração do cenário nacional passa assim pelo crer numa imagem possível, real, que tem que ser dada a ver pela sua escrita, passando desta forma pelo processo de es/crer/ver a nação.

Entendemos assim, que a concepção de nação e identidade nacional, elaborada por Gustavo Barroso, tem que ser lida como um discurso que busca emoldurar certa imagem, espacialidade entendida por ele como fragmentada pela absorção dos valores liberais-comunista-capitalista, manipulados pelas mãos judaicas. Espaço que fala mais dele próprio e de seus valores conservadores, autoritários, hierárquicos, católico cristão. Nação/identidade afirmada como reação ao *Outro*, narrativa que mais fala de uma fragilidade do próprio significante, que vê seu mundo ameaçado por forças desagregadoras que parecem escapar-lhe do controle, realidade que tecida em suas linhas só apontam para um caminho, sua total destruição, fim esse que só não será concretizado com a implantação do Estado Integral, onde o tornar-se membro da nação requereria um disciplinamento do corpo e do espírito com a respectiva eliminação das discrepâncias, papel pedagógico que caberia a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Objetivamos neste texto observar como Gustavo Barroso se utiliza de mecanismos linguísticos para construir uma imagem da nação e de sua respectiva identidade, se afirmando como sujeito privilegiado para conduzir esse processo. Percorrendo para isso a uma breve explanação do momento de sua escrita, a fim de mostrar com quem ele dialoga e a partir de onde. Em sua narrativa Barroso recorre a suas lembranças do passado através de visões do presente, para construir a metáfora do *Condor Prisioneiro*. Se utilizando dos mecanismos topográficos da animalização, da oposição entre cores claras e escuras e da produção do *Outro*, para constituir sua base argumentativa e assim modelar uma imagem de nação que definha presa pelo capital judaico destruidor da ordem.

Na racionalidade barrosiana, a recorrência ao inimigo comum, o judeu, que destruía as nações em busca do lucro material, é uma constante, onde a partir do choque com esse *Outro*, e com o mundo moderno construído pela absorção dos valores estrangeiros, Gustavo Barroso pôde construir uma imagem de Brasil como ser vivo, um condor, que aos poucos morria preso, um mundo que fala das fragilidades de seu significante, um juiz verbal que encontra no poder de nomear sua prerrogativa.

Seu sonho de adolescente, no qual ele era incumbido de espantar os “urubus” que ameaçavam aquele ser depauperado, aparecia distante e nebuloso. Mas com o passar dos anos tudo se tornara mais claro para Barroso, que encontrando certo respaldo no seio do movimento integralista, no qual se destacava como uma das principais lideranças e objetivava ser o líder máximo da organização, conseguira *traduzir*⁶ seu sonho antigo, que tanto lhe atormentara, a partir do encontro ocorrido no jardim zoológico com o condor preso.

Seu sonho um microcosmos: que ao esgarçar as barreiras do onírico comprime a relação espaço-tempo, se materializando numa linguagem escrita, que constrói espacialidades, geografias de medo, de mando, de mundo, que demarcam fronteiras identitárias entre o *Eu* e o *Outro*, por meio de recursos tropológicos, que rompe o véu do onírico, para nos falar de um espaço que se pretende exterior, mas cujo objeto é imanente a si mesmo. Gustavo Barroso, alguém que acredita ter rasgado o véu dos sonhos, e mostrado ao mundo a verdade em sua essência. Sua linguagem, uma geografia do onírico, necessária para não se esvaír no frêmito perene de um sonho, e assim alcançar a eternidade, um condor que liberto das grades da

⁶ Fazamos notar com base no pensamento derridiano que não existe tradução pura, quem faz a tradução, o faz a partir de suas próprias demandas, se caracterizando por ser sempre uma leitura anacrônica, incorporando assim novos significados.

mente, enfrentaria e derrotaria seus inimigos, alçando voos pela posteridade que demarcariam seu espaço.

Objetivamos então não perder de vista o debate ético que acreditamos tão essencial na escrita da história, dado as crescentes ondas de extremismos pelo mundo, demonstrações de violência para com o estrangeiro e o imigrante, para com o nordestino, ou negro, ou para a comunidade LGBTTTs⁷, em suma para com o *Outro*, e que aqui no Brasil têm sido traduzidas cada vez mais com base nas obras do período integralista de Gustavo Barroso. Buscamos, desta maneira, pensar sobre o mundo que construímos e que nos constrói, e buscar compreender o que esperar dele. Esta reflexão cabe, a nós historiadores, de tantas tramas, dentre elas, a dos espaços, fazer presente, abrindo possibilidades de contatos a esses *Outros*, de expandindo nossos horizontes, de viabilizando condições de *Outros* viverem neste mundo, como nos alertou Manoel Luiz Salgado Guimarães⁸.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.23, n.45, julho, 2003.

RÉMOND, Réne (org.). *Por uma História Política*. UFRJ: Rio de Janeiro, 1996.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2001.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. Tropos do império. In: _____. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo, o Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

⁷LGBTTTs é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (o 's' se refere aos simpatizantes).

⁸Em entrevista a Revista de História da Biblioteca Nacional, onde o professor Manoel Luiz Salgado Guimarães nos fala das incertezas e inseguranças em relação ao mundo em que vivemos. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/manoel-salgado-guimaraes>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

FONTE

BARROSO, Gustavo. O CONDOR PRISIONEIRO. In. *BRASIL – Colônia de Banqueiros (História dos empréstimos de 1824 a 1934)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1936.